



Sinal verde para o poeta

Inventário: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015], de Heleno Godoy

Gilberto Araújo*

Embora o Concretismo privilegie a Paulistaníssima Trindade – Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari –, a fortuna crítica do movimento costuma abrir espaço para além dos signatários de seu plano-piloto: Edgard Braga (Alagoas), José Lino Grünewald (Rio de Janeiro), Pedro Xisto (Pernambuco), Ronaldo Azeredo (Rio de Janeiro) são nomes que, em maior ou menor grau, continuam angariando interesse crítico. O mesmo não parece ocorrer com a Poesia Práxis. Encabeçada por Mário Chamie no esforço de questionar alguns preceitos concretistas, ela acabou centralizada no idealizador, em detrimento de vários escritores simpatizantes, para não dizer sectários, da causa. Não é habitual, por exemplo, mencionar que Armando Freitas Filho, consagrado poeta contemporâneo, ou um crítico do porte de José Guilherme Merquior engrossaram coro práxis, sem falar em Cassiano Ricardo, Zulmira Ribeiro Tavares e até no cineasta Cacá Diegues. Menos ainda se aborda a variedade estilística do movimento, em geral reduzido a trocadilhos de qualidade duvidosa. Entretanto, a instauração Práxis, como a definia Chamie, produziu ensaios alentados e até

* Professor adjunto de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

experimentos ousados no âmbito da ficção, a exemplo de *Dardará*, de O. C. Louzada Filho (1965).

A hegemonia de Mário Chamie paira inclusive sobre ele mesmo. Senão, vejamos. O poeta estreou com *Espaço inaugural* em 1955, mas somente com *Lavra lavra* (1962) firmaria a práxis na poesia brasileira. Entretanto, ao reunir sua produção poética em *Objeto selvagem* (1977), o paulista remodelou os livros anteriores a 1962, de modo a torná-los práxis *avant la lettre*. Como se vê, Mário Chamie ficou escravo do próprio estilo, forjado a extensas teorizações e diatribes.

Evidentemente, essa preeminência respingou em jovens poetas seduzidos pela originalidade do pensamento de Chamie, que, absorvendo as inegáveis inovações do Concretismo, pretendia imprimir-lhes feição menos formalista, aproximando-as da realidade extralinguística, sobretudo em seus componentes sociais. Daí a inclinação agrária de *Lavra lavra*; em poemas como “Plantio”, o rigor fonético e lexical, desdobrado da oposição entre /o/ e /a/ e de muitas aliteraões, irmana-se à denúncia da exploração do trabalhador rural:

Cava,
então descansa.
Enxada; fio de corte corre o braço
de cima
e marca: mês, mês de sonda.
Cova.

Tendências semelhantes encontram-se em *Os veículos* (1968), livro de estreia do poeta giano Heleno Godoy, cuja volumosa

poesia foi competentemente reunida em *Itinerário* (2015), organizado por Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. Não bastasse o mérito literário de Godoy, nascido no interior de Goiás, a iniciativa seria preliminarmente válida por descentralizar a ocorrência práxis no Brasil, além de divulgar ao grande público um poeta ainda bastante ativo. Apesar de a coletânea reunir sete livros lançados anteriormente e três inéditos, Helena dispõe de muito material a publicar, conforme se lê na introdução ao *Inventário*.

Conforme indicia o título de 1968, exploram-se ali vários desdobramentos simbólicos da ideia de transporte, presente, inclusive, na etimologia da palavra “metáfora”. Iniciado com “o pé”, o livro plasma, em seguida, diversos meios de transporte, mesclando os mais sofisticados (“o avião”) aos genuínos e arcaicos (“a carroça”, “o carro de boi”). Em todos, o trabalhador é tragado pela lida diária, permanecendo estéril diante do movimento crescente do mundo. Muito presentes na Poesia Práxis, de inclinação francamente marxista, os conceitos de alienação e de mais-valia são encenados por meio dessa distância entre proletariado e produto, a exemplo do mencionado poema “o pé”:

a passo por passo
em pés
trocando o passo: bagaço

menos lida, mais valia
o estar na vida: folia

o passo por passo
nos pés
sentindo o traço: cansaço

mais valia, na vida
o da folia: menos lida

São flagrantes as semelhanças temáticas e estruturais com Mário Chamie. Aliteraões e repetiões cadenciam a vida saturada e inerte, em que o pé praticamente não caminha, porque esmagado pela mecanizaão. A ambiguidade do signo “lida” – outra constante da Práxis – alia a labuta cotidiana do proletariado à sua distância da cultura letrada, evocada pelo partícipio passado de “ler”.

Godoy retorna à poesia apenas em 1985, com *fábula fingida*, sobre o qual declara: “foram dezessete anos tentando me libertar da linguagem de Chamie, e creio ter conseguido, embora do resto de sua influência não queira me libertar, nem mesmo, parcialmente, de sua linguagem, já que ela me obriga a estar atento na busca da minha própria” (p. xi). Com efeito, a *fábula* enceta solitária viagem amorosa e metalinguística, em que o eu lírico, ao contrário de Dante, não conta com Beatrizes ou Virgílios: a origem e o destino se tocam no abismo: “eu rolei como pedra e não me amparaste / eu caí como chuva e não me absorveste / [...] / eu queimei como fogo e não me apagaste”. Encerrado assim, o livro institui o desabrigo como condição inerente ao poeta, e talvez não seja difícil ler nessa aposta o desejo de se esquivar da sombra tutelar de Mário Chamie. Frise-se que *Os veículos* compartilha com *fábula fingida* certa índole dinâmica: no primeiro, essa característica espelhava o sentimento cívico-social; neste, a busca pelo amor e pela rubrica literária; em ambos, o poeta se debate até alcançar sua morada estilística, erguida no livro seguinte, *A casa* (1992).

Doravante, a poesia de Heleno encontra na pluralidade o componente mais ostensivo: imagens concretas, a exemplo da obra

de 1992, misturam-se a tendências órficas, herdeiras de Fernando Pessoa, Murilo Mendes, Rainer Maria Rilke e outros. Formas breves e fixas proliferam em *A casa* e em *Trímeros: livro de odes* (1993), sem, contudo, eliminar o poema longo, cuja anterior seriedade meditativa não raro conviverá com o humor. A intertextualidade se amplia, exercida por alguém que sai do peso da influência para o alívio da conversa. Destaque-se, a propósito, estar o *Itinerário* organizado do último para o primeiro livro e sem esgotar integridade da produção de Helena Godoy, que, por exemplo, preferiu não publicar agora *Seriadial*, seu caderno da juventude práxis. Começar a reunião pelo presente é, de certo modo, rasgar a capa atual, criando a imagem de um autor em aberto, um veículo antenado a vários semáforos.